

PÉTER NÁDAS

O Fim de um Romance Familiar



cavalo de ferro

*E a luz brilha nas trevas,
mas as trevas não a receberam.*

João 1, 5

Entre lilases e arbustos de avelãs, junto a um sabugueiro não muito longe da árvore cujas folhas por vezes se mexiam mesmo que não houvesse vento, éramos uma família de três pessoas: papá, mamã e filho. Eu era o papá, Éva era a mamã. No arbusto, era sempre de noite. «Sempre a dormir! Porque é que temos sempre de dormir?» A mamã já tinha deitado a criança na cama. «Papá, conta lá uma história ao miúdo!» Ao lavar a loiça na cozinha, ela fazia muito barulho com os tachos e as panelas. Eu, sentado à minha secretária, fingia estudar, debruçando-me sobre o manual de língua russa de Nina Popatova, mas, ao ouvi-la dizer aquilo, levantei-me e fui para o quarto do miúdo. Tínhamos forrado o quarto de feno, para ficar belo e macio. Sentei-me na beira da cama e puxei a cabeça do miúdo para o meu colo. Enfiei os dedos no seu cabelo ainda molhado e abracei-o. Era como se a minha mãe me estivesse a abraçar. Ao passar a mão pela sua testa húmida, não sabia bem se estava a sentir a palma da minha mão ou a testa dele. Uma veia grossa sobressaía no seu pescoço. Se eu cortasse esta veia, o sangue escorreria. Ela continuava a fazer barulho com os tachos e as panelas na cozinha. «Despacha-te com essa história, papá, senão chegamos atrasados à festa.» Ela queria sempre ir às festas, mas eu não me apressava para terminar a história, porque era bom aquele contacto com a cabeça molhada do miúdo ao meu

colo. «O que é que queres que te conte?» O miúdo abriu os olhos. «Quero que me contes outra vez a história da árvore.» Ele olhou para mim de tal maneira que, em vez de me concentrar na história, pensei como seria bom se ele fosse mesmo meu filho, deitado no meu colo. «Está bem, eu conto-te a história da árvore; fecha os olhos e ouve. Era uma vez uma árvore. Essa árvore especial tinha uma folha. E também outras mil. Claro que esta folha de que te estou a falar era uma folha muito especial, porque não era como nenhuma das outras. A árvore de que estou a falar ficava num jardim amaldiçoado. Ninguém conhecia esse jardim, apenas se sabia que havia um jardim assim algures. Por mais que procurassem, não o conseguiam encontrar. Muitos detectives andaram à sua procura, até com cães-polícia, mas em vão. Fica quieto! Era impossível vê-lo da rua, ou de um avião. Mas nós sabíamos por onde entrar. A entrada para o túnel secreto estava atrás de um arbusto. Da rua, através do túnel, chegávamos ao jardim. Neste túnel secreto viviam morcegos. Estavam lá para guardar o jardim. O corpo dos morcegos é malcheiroso. Aproximámo-nos na mesma, porque eu sabia que era suficiente perguntar-lhes: “Saíam, saíam, morcegos, ou vão ficar no saco presos!” Com isto, os morcegos escondiam-se no canto mais escuro do túnel. Tínhamos lanternas, daquelas com foco forte. Mas o caminho não estava completamente livre, porque ainda havia os polvos. Têm olhos que reflectem as luzes. Se alguém entrasse no túnel, começavam logo a nadar em direcção a essa pessoa. São polvos anfíbios e flu tuam muito depressa no ar. De noite, saem das grutas, mas ainda sem mostrar os olhos porque querem ficar escondidos. Portanto, logo que um estranho entra no túnel, aproximam-se dele, abraçam-no e apertam-no até à morte. Ao avançarmos pelo túnel, víamos ossos espalhados pelo chão. Já muitos entraram aqui, mas nenhum saiu para o jardim. Não tínhamos previsto isso. Pensávamos que, se conseguíssemos vencer

os morcegos, o caminho estaria livre.» A avó passava o dia todo deitada na cama a mastigar rebuçados ácidos. Comprava-os na mercearia por dois e quarenta. Eu adorava esses rebuçados, que se chupavam, deslizavam para trás e para a frente na boca, se enrolavam com a língua e depois se abriam com uma dentada, deixando sair um líquido com sabor a framboesa. A avó ia sempre pessoalmente à loja para comprar os rebuçados. Pedia seis vezes cem gramas. Uma saqueta para cada dia da semana, excepto à sexta-feira, em que jejuava. Colocava os sacos debaixo da almofada, onde os rebuçados se derretiam e se colavam uns aos outros e ao saco. Quando ela me oferecia um, eu, por vezes, conseguia tirar logo três. Mas havia alturas em que eu lhos pedia em vão. «Avó, dá-me um rebuçado!» «Não dou!» «Avó, dá-me um, se faz favor!» «Não há.» «Avó, não mintas!» «Já te disse que não, não tenho, mas mesmo que tivesse, não to dava, porque o rebuçado estraga os dentes. Não podes estragar os teus dentes. Os dentes são necessários para a vida!» Ela estava deitada na cama vestida de preto porque o avô tinha morrido. Desde que o avô morrera, a avó tinha deixado de cozinhar. Eu comia pão com banha ou mostarda e ela mastigava rebuçados. Durante a noite, não dormia, permanecia à janela porque dizia que o avô iria voltar para casa, mas nunca se sabia quando. O meu avô contava-me muitas histórias. Não eram contos de fadas, mas histórias reais sobre a vida. «Agora vou falar-te da felicidade da minha vida.» E contava-me momentos desses. Ou então dizia: «Vou contar-te como escapei à morte. Uma vez, no dia 3 de Janeiro de 1915, fui em patrulha com os meus hussardos. Nesse dia, havia um grande nevoeiro na Sérvia. Enquanto caminhávamos, ouvi um estranho bater de cascos de cavalo. Supus ser o tamborilar dos cascos dos nossos cavalos, e que o nevoeiro cerrado aumentava o seu som habitual. Mas passados alguns minutos, cavaleiros estranhos emergiram do nevoeiro. Eram como sombras.

Aproximámo-nos tanto que, se o cavalo não fosse um animal mais esperto do que o homem, poderíamos ter colidido. Os cavalos empinaram-se e relincharam. O cabrão do sérvio já estava a desembainhar a espada. Eu fiz o mesmo, cruzámo-las, mas ele tinha vantagem por estar numa posição mais elevada. Eu dei-lhe uma espadeirada, ele respondeu, e, se eu não me tivesse encolhido, ele ter-me-ia decapitado de certeza; o meu capacete voou. Bem, pensei, estou feito. Depois vi aparecer um dos meus hussardos, e antes que aquele cabrão sérvio tivesse tempo de levantar a espada para me atacar a mim e ao meu cavalo, o meu hussardo já lhe tinha cortado a cabeça.» Ao contar isto, o avô ria-se tanto que quase engolia a sua dentadura. A seguir, colocava-a sempre no sítio certo. «Essa foi a primeira vez que salvaram a minha vida, ou o dia em que realmente nasci. Deus ajudou-me. Também em Fiume, mesmo no dia do meu aniversário. 1916, no Outono, mais precisamente no dia 10 de Novembro. Nós seguíamos o *Prinz Eugen*¹. Passada uma hora, ouvimos um tiro. O *Prinz Eugen* foi atingido, afundou-se e toda a sua tripulação morreu afogada. Continuámos o nosso percurso como se nada tivesse acontecido, até chegarmos a Durrës. Durante toda a viagem, sofri de um abcesso horrível debaixo da axila que não rebentava e me impedia de baixar o braço. Em Durrës, como toda a gente, apanhei cólera, mas curei-me. Em Fiume, queria entrar no *Prinz Eugen*. Sim, é verdade! Mas, mesmo que conseguisse, nem sequer podia nadar por causa do furúnculo! Deus não me deixou morrer. Como vês, estou aqui. Tenho oitenta e quatro anos. É muito tempo! Depois sucederam muitas coisas na minha vida. Uma vez, alguém atirou um castiçal de uma janela do quarto andar. Numa outra altura, fomos obrigados a caminhar durante três dias. Eu já não era

1 Um dos navios da frota de guerra austro-húngara durante a Primeira Grande Guerra. [Todas as notas são da tradutora.]

um jovem. Foi uma marcha forçada, porque os russos estavam no nosso encaço. Apenas duas vezes por dia tínhamos uma pausa. Nem sequer nos davam tempo para cagar. Quando parávamos, muitos caíam. Um dia, quando estava deitado na estrada, na floresta de Saalfeld, ao olhar para o chão, lembrei-me de que já tinha estado ali na minha juventude, o que era estranho, visto que desta vez as razões eram diferentes. Pensei: esta terra é macia e suave, pronta a acolher-me para sempre, porque eu voltei para ela. Fico aqui, é o meu lugar, não me posso levantar daqui.» Chegado a esse ponto da sua história, o avô levantava sempre a cabeça e gritava de tal forma que a sua boca ficava negra. «*Aufstehen! Schnell! Los! Schnell! Los!*»¹ Fazia uma longa pausa e ficava de novo pálido. «Disse para mim mesmo, deitado no chão, podes gritar à vontade, isso já não faz grande diferença, já me entreguei ao chão. Sabes, o homem é um animal vaidoso. Pensa que é dono da sua vida. Como se a vida dependesse da sua vontade. Oh, mas não! Porque apesar de ter pensado nisso, tudo aconteceu de forma diferente. Um alemão pára ao meu lado. “*Warum stehst du nicht auf mein lieber Jude?*”² Olho para ele com grande dificuldade. Vejo que ele já tirou a pistola. Bem, agora acaba-se tudo num instante. Mas eu queria que isso acontecesse por minha própria vontade, e não pela dele. “Por favor, mata-me.” Mas ele não o fez. Recolheu a arma e observou-me. Tinha olhos inteligentes, castanhos e gentis como um cão. Cuspiu em cima de mim. Depois deu-me um valente pontapé e foi-se embora. Foi assim que Deus salvou a minha vida. Ele deixou-me ali na estrada, vivo.» Depois da morte do avô, a avó apagava sempre as luzes, sentava-se na minha cama e contava-me histórias. Ela não queria que gastássemos muita electricidade. Uma vez pedi-lhe

1 Em alemão no original. «Levanta-te! Rápido! Vamos! Rápido! Vamos!»

2 Em alemão no original. «Porque é que não te levantas, meu caro judeu?»

para falar da minha mãe. Mas ela ficou à espera de que eu adormecesse. Eu preferia histórias inventadas. Quando eu era o pai e deitávamos os miúdos, inventava sempre uma história. Eis o resto da história sobre a árvore: «Tínhamos arranjado dois paus. Entretanto, chegaram os polvos! Centenas, e cada um tinha cinquenta braços. Bati-lhes com o meu pau! Eles perceberam que não podiam impedir-nos de passar! Estávamos apenas a aguardar o momento para sair e correr para o jardim. Os polvos contentaram-se em seguir-nos com os olhos! Mas nós também olhávamos maravilhados! Este jardim estava cheio de árvores, que eram muito especiais! Havia lá umas que nunca tínhamos visto antes. Aquelas que pensávamos serem pessegueiros tinham ameixas, cerejas, gínjas e até cachos de uvas pendurados. Podia-se comer tudo o que se quisesse. Mas, na árvore de que te vou falar, só reparámos mais tarde.» Neste ponto, parei. Uma cabeça estranha dormia no meu colo. Nem eu sabia como tinha chegado ali. Estava a respirar calmamente, com a boca entreaberta. Algures, ao longe, um carro parou, mas o motor ficou a trabalhar. Era como se me visse a dormir no meu próprio colo. Teria sido bom pousar a minha cabeça junto à dele para podermos dormir um ao lado do outro. Tirei suavemente a mão da sua testa. Ele sentiu esse gesto, mexeu-se, fechou a boca. Agora respirava ainda mais alto, pelo nariz. O motor do carro continuava a produzir ruído na rua. Eu gostaria de ter tido uma testa como aquela, mas o cabelo tinha-me crescido muito e tapava-a, e eu sentia vergonha por causa disso. Éva ainda estava a raspar tachos e panelas na cozinha. O calor era sufocante e não havia brisa nenhuma. No entanto, pontos de luz tremiam, num ritmo imprevisível. Uma pequena mancha passou pela testa da criança, iluminou-lhe o cabelo, depois deslizou para trás. Arrependi-me de ter retirado a minha mão. Queria voltar a sentir que a minha mão e a sua testa eram uma só. «Porque é que não lhe contas uma história?»

«Ele adormeceu. Não está a fingir, adormeceu mesmo.» Éva colocou a panela na prateleira. A prateleira, na realidade, era uma tábua fixada entre dois ramos, mas nós chamávamos-lhe armário de cozinha. Se déssemos um pontapé no ramo, as panelas com furos caíam. Então, Éva dizia sempre: «Papá, o armário caiu, já é mesmo altura de o arranjares!» Mas desta vez, quando ela bateu involuntariamente no arbusto ao vir para perto de mim, as panelas não caíram. Senti o cheiro do seu corpo. Os estremecimentos que notei pareciam emanar da sua pele e não da luz. «Temos de ir à festa!» Ela usava um biquíni com sutiã de folhos, que tentava puxar em todas as direcções, mas os seus seios ainda não eram suficientemente grandes para o encherem. Saíamos sempre de baixo dos arbustos de gatas, para ir à festa, o tule cor-de-rosa chegava ao chão, e ela dizia que levaria jóias. «Não é preciso usar muitas, sabes? Apenas algumas peças caras e bem escolhidas.» Toda a gente olhava para ela. Enquanto dançava, levantava ligeiramente a saia comprida com dois dedos. «Acenderam os lustres! Lustres de cristal!» Mas nessa noite, não me apetecia sair para ir à festa. Podia sentir ao mesmo tempo o toque e o peso dos dois corpos. «Vamos antes fazer amor!» E abracei-a. Sentia o cheiro dela na minha boca, o mesmo cheiro do cabelo húmido da criança, o mesmo cheiro que se espalhava pelo prédio onde viviam. «Como?» Inclinei-me para trás, arrastando o seu corpo comigo. Era o momento de beijá-la, tinha de ser. «Assim.» A sua barriga nua em cima da minha, a cabeça quente no meu colo. Mas lá em cima, no jardim, a mãe deles começou a gritar. «Gáboréva, sai da água! Gáboréva, sai da água! Gáboréva, sai da água!» A mãe deles pensava que ainda estávamos na piscina. Éva mordeu-me o pescoço. Olhámos um para o outro. Esfreguei o local da mordidela, embora não quisesse nem sentisse dor. A mãe deles estava no terraço, vestida com o roupão que tinha tirado uma vez quando atravessava a sala, ficando nua, apesar de

estarmos a brincar ali. Esperava em vão que ela voltasse a andar nua. Era curioso, quando esperava por alguma coisa, isso nunca acontecia. Também brincávamos de maneira diferente: eu era a criança e Gábor o papá. Depois do jantar, quando ele me deitava na cama, contava-me histórias. Quando brincavam a fazer amor, eu tinha de fechar os olhos. Éva dizia que Gábor beijava muito bem. Às vezes, Éva era a criança, eu era o papá e Gábor era a mamã. Éva estava sempre a aconchegar-se à mamã. Ela não gostava do papá porque ele não voltou para casa, da Argentina. Gostava de quando era eu a criança, porque então ela era a mamã. Quando Gábor era o papá, ia para a Argentina. Mas contava-me sempre o que se passava lá. O meu pai raramente vinha a casa. Sabíamos sempre quando chegava, porque recebíamos um telegrama com antecedência. Eu ficava à sua espera na rua. Quando o via chegar, corria ao seu encontro. Ele aparecia, com a sua pasta castanha. Só abria os braços quando já estávamos muito perto um do outro. Tinha a barba por fazer, porque viajava sempre de noite. As suas roupas cheiravam mal, dado que vivia nas casernas, onde faziam os interrogatórios. Mas eu gostava daquele cheiro. Agarrava-me ao pescoço dele enquanto ele continuava a andar. Depois desprendia-se dos meus braços e punha-me o seu boné na cabeça. Por vezes, achando que eu não estava a reparar, olhava para mim de forma estranha, como se não gostasse de mim. Mas eu reparava. Passava o dedo pela minha boca. O boné também cheirava mal. A avó lavava o casaco, as calças e o boné em gasolina para ficarem secos rapidamente. Ele apanhava o comboio na manhã seguinte. Nessa altura, ninguém podia acender cigarros para não explodirmos. Sentava-se na poltrona do avô, com o roupão do avô. Mas por mais que eu olhasse para ele, não se parecia nada com o avô. Pensava que se ele não era como o avô, eu também não seria como ele. Quando se ia embora, eu ainda estava a dormir,

mas vinha até à minha cama, beijava-me e passava o dedo pela minha boca. O seu rosto estava macio, só a sua roupa cheirava ainda a gasolina. Sempre que o avô começava a falar, ele gritava. Quando não falava, colocava as mãos entre os joelhos, baixava a cabeça e curvava as costas. Não dava para ver como ele era grande. Se não conseguia falar com ninguém durante muito tempo, adormecia na poltrona. O meu pai cruzava as pernas, apoiava os cotovelos nos joelhos, segurava o cigarro com a outra mão, mas, no momento seguinte, punha-se de pé de um pulo e começava a andar pela sala. Levantava e examinava todos os objectos, como se os visse pela primeira vez. Cheirava a comida. Passava o dedo pelos móveis. Depois, cansado de andar pelo quarto, deitava-se na cama; eu via que ele queria dormir, fechava os olhos, mas voltava a abri-los passado algum tempo e começava a rir sem razão nenhuma. «Porque é que te estás a rir?» Ele franzia a testa. «Rir? Não. Não, não me estou a rir. Talvez me tenha lembrado de algo engraçado.» Por vezes, também tentava ver o que se passava quando me ria. Então ria-me. Mas ele nunca me perguntou porque é que me ria. Se ele tivesse perguntado, eu ter-lhe-ia dito que me ria para ver a sua reacção. À noite, podia deitar-me ao lado dele na cama e pedir-lhe que me contasse uma história. «Contar-te uma história? Vamos lá ver! Bem, não me consigo lembrar de uma única história. Já sei! Queres que te conte uma história sobre as botas? Está bem. Era uma vez, num país longínquo, duas botas. Faziam um par, eram tão boas amigas que se não podiam imaginar uma sem a outra. Se uma dava um passo, a outra dava imediatamente outro. Se uma parava, a outra parava também. Por isso, uma bota chamava-se Uma e a outra bota chamava-se Outra. A Uma e a Outra estavam juntas não só de dia, mas também de noite. À noite, ficavam aos pés da cama. Gostavam de dormir de pé. Contudo, não ficavam muito cansadas, porque se encostavam uma à outra.

Adoravam sentir a pele uma da outra! No fundo, não queriam mais do que isso. Era assim que viviam. Mas, aos poucos, ficaram velhas. Um dia, foram atiradas para o caixote do lixo, uma para a esquerda, a outra para a direita. Depois, não sei o que aconteceu. É o fim da história. Vai dormir.» Mas eu recusava-me a acreditar que a história tinha acabado. Mas lá tinha de voltar para a minha cama. «E as botas, o que é que aconteceu às botas?», perguntei quando ele voltou e eu já estava deitado no escuro. «Que botas?» «As botas que eram amigas.» «Ah, sim! As botas. Não sei, não faço ideia do que lhes aconteceu.» Quando ele partia no comboio da manhã, pensava que seria bom ser como ele. Ou como o avô. Mas eu não conseguia decidir o que queria, porque era igualmente agradável imaginar que eu era como a mãe deles, que um dia andou nua pelo quarto sem ter vergonha nenhuma. Se ela fosse a minha mãe, eu podia ter uma testa como a de Gábor. Quando Gábor era o papá e a mamã já me tinha deitado, ele vinha e sentava-se na minha cama, no quarto das crianças. Em vez de apoiar a minha cabeça no seu colo, punha as mãos no meu pescoço. Por vezes, apertava-o, como se quisesse estrangular-me; então lutávamos. Se não o apertava, contava-me uma história. Gostava de contar histórias sobre uma mulher chamada Cleópatra, cuja fotografia estava num dos seus livros. «Uma vez, uma mulher chamada Cleópatra estava deitada no seu quarto; fazia um calor abrasador. Queres que te bata? Estava deitada na sua cama. De repente, a porta abriu-se. Mas não entrou ninguém. “Quem é?”, pergunta ela. Talvez fossem fantasmas. Mas reparou que não eram fantasmas e que a porta tinha sido aberta pela serpente. “O que é que queres, serpente?”, pergunta-lhe a mulher chamada Cleópatra. “Vim para te servir”, sibila a serpente. “É muito simpático da tua parte”, diz a tipa, “mas eu já tenho cem criados!” “Nunca encontrarás um criado como eu!” “Porquê? O que é que tu sabes fazer, serpente?”, pergunta

a tipa.» «Não lhe chames tipa, chama-lhe pelo nome!» «Calate! Então a gaja pergunta o que é que a serpente sabia fazer assim de tão especial. Mas a serpente limitou-se a rir. “Estás a sofrer com o calor, não estás, Cleópatra?” “Estou a sofrer, sim.” “Os teus criados não te podem ajudar, pois não?” “Claro que não.” “Bem, eu estou fria como o gelo”, disse a serpente. “Vou para cima de ti e refresco o teu corpo.” “Então vem!”, pediu a mulher. A serpente, que estava à espera disto, subiu para cima de Cleópatra, rastejou para a sua barriga, subiu para as suas maminhas, inspeccionou tudo e perguntou-lhe: “Queres uma maçã?” “Oh, ainda estou quente, não, não quero comer agora. Mas não te vás embora! Continua a rastejar em cima de mim, porque me estás a refrescar.” A serpente, que não queria outra coisa, continuou a rastejar em cima de Cleópatra e entrou no seu buraco. No entanto, não conseguia sair. Continuava a viver no buraco, o que era bom para Cleópatra, pois já não sofria com o calor. Entretanto, a sua barriga começou a crescer, e ela pensava que iria ter um bebé. Abriram-lhe a barriga, de onde saiu a serpente, e com ela as suas crias, visto que não foi a mulher quem teve o bebé, mas a serpente astuta. Pouco depois, a malvada Cleópatra morreu.» Apesar de saber como iria acabar, ouvi-o até ao fim, mas queria começar a lutar com ele. «É tudo uma treta, e ainda por cima não é verdade!» Também lutávamos quando era a minha vez de contar a história da árvore. Segundo a história, depois de enchermos a barriga de fruta, fomos deitar-nos na relva. «Tínhamos a barriga tão cheia que nem conseguíamos fechar os olhos. Enquanto estávamos ali deitados, reparámos num ramo de árvore que se inclinava sobre nós. Era igual aos ramos das outras árvores. Mas, na extremidade desse, havia uma folha que era especial. Ela mexia-se, agitava-se. Como se estivesse a dizer algo que nós não conseguíamos entender. As outras folhas não se mexiam, apenas esta durante algum tempo, mas depois parou.

Ficámos assustados, porque certamente queria dizer algo e era possível que não entendêssemos a sua mensagem. A seguir, voltou a mexer-se, mas não da mesma maneira, tínhamos a sensação de que se queria recusar a fazer algo. Em suma, já não parecia mover-se verticalmente, em sinal de assentimento. As outras continuavam paradas. As folhas têm uma linguagem própria, mas para a aprender é preciso tomar uma bebida mágica. A folha, entretanto, falou-nos uma terceira vez. Começou devagar, acelerou o passo, e depois abrandou o discurso para que a pudéssemos compreender. Mas nós não a percebemos. Tínhamos de ir embora e procurar a bebida mágica. Se a tivéssemos entendido, podíamos ter ficado no jardim eternamente.» Ele abriu os olhos. Pensei que iríamos lutar. «Esse jardim não existe, e as folhas não conseguem falar em lado nenhum!» «Sim, conseguem!» Quando era ele a começar a luta, eu deixava-o bater-me como bem entendesse. Mesmo quando era a minha vez, ele ganhava. Não gostei do que ele tinha dito sobre a mulher. A casa ficava no nosso jardim, mas fizemos um buraco na vedação para podermos entrar a partir do jardim deles. Se não vinham, esperava por eles. Chamávamos a esta abertura, criada por nós nos arbustos, janela. Eles tomavam banho na piscina e usavam a selha como barco. Subiam ao terraço, de onde a mãe costumava gritar, vestida com aquele roupão. Jogavam à bola. Não os podia observar durante muito tempo, porque eles também espreitavam para ver se eu estaria lá. Depois entrei em casa. Estava sozinho. Sabia que eles não viriam hoje. Podia fazer o que quisesse dentro de casa. Podia fazer asneiras. Mas não fiz nada. Quando esperava que algo acontecesse e não acontecia, sentia medo. Receava que fosse sempre assim. O avô ficou na cama durante dois dias antes de o levarem. Ficava deitado sempre da mesma maneira. Nem sequer reparou quando uma mosca lhe entrou no olho. A avó dormia durante o dia. Eu ficava a olhar para ela e a ouvir a

sua respiração. Quando me lembrava de que ela pudesse estar morta, corria para casa. Mas a avó nem sempre se encontrava na sua cama. Se ia sair, vestia-se. Levou o seu vestido de seda com grandes flores. Atirou o vestido preto que usava em casa para a poltrona do avô. O seu chapéu e a sua mala branca estavam em cima da mesa. «Não vás a lado nenhum! Fui chamada por aquela gente. Como testemunha!» Ela pôs o chapéu branco na cabeça e olhou para o espelho. Pedi-lhe em vão que me levasse com ela. Disse que era um assunto muito sério, uma tarefa importante a fazer. Além disso, era secreta. Eu já sabia que a minha cabeça podia passar entre as duas barras de ferro. Não importava que ela tivesse fechado a porta. No terraço, de onde a mãe vestida com roupão costumava gritar, estavam dois homens a fumar cigarros. A selha flutuava na água da piscina. O nosso jogo era tirar a rolha, o barco afundava-se e os piratas ganhavam. Vi o chapéu da avó a subir por detrás do corrimão. Um dos homens acompanhou-a para dentro da casa; o outro continuava a fumar e a olhar para o jardim. Era bom poder vigiá-lo sem que suspeitasse de algo. Penso, às vezes, que há quem não saiba que eu esteja neste mundo. Começou a escurecer. Durante muito tempo ninguém saiu. Tentei imaginar a busca. O sótão. A cave. Quando a avó não estava, eu remexia nos armários. Tinha medo de que descobrissem o nosso outro apartamento na cave, aquele que tínhamos feito no Inverno. Mas o homem saiu com malas na mão e, enquanto avançava, os seus passos rangiam no cascalho do caminho. Devem estar a mudar-se daqui. Mas veio o outro e entraram juntos na casa. Se calhar, o pai deles regressou da Argentina. Trouxeram uma mesa para o terraço. A avó ainda não reapareceu. Eles entraram de novo e voltaram com uma poltrona. As cadeiras foram empurradas para o exterior e deslizaram ao longo do terraço. Uma delas bateu num obstáculo e caiu. Soou uma voz forte, mas depois fez-se silêncio outra vez. Só podia pensar que

estavam a mudar-se ou a ir de férias. No entanto, eu sabia que não era verdade. À noite, sonhei que o avô estava de pé no meio da sala porque tinha de se ir embora. Acreditei que se o abraçasse, se chorasse e se lhe pedisse para não ir, ficaria. Mas quando encostei a minha cara à dele, senti a sua barba por fazer, porque só fazia a barba de dois em dois dias. Quando a avó chegou a casa, disse que estava esgotada. Ficou cansada. Colocou a sua mala branca e o chapéu em cima da mesa. «Encontrámos dez quilos de açúcar, dois baldes de banha de porco e trinta pares de colãs de *nylon*. Trinta. E aquelas jóias!» Fechou a janela, para evitar que os insectos entrassem. Prometeu que, se eu me fosse deitar como deve ser, me contaria a lenda de Génaève.

Depois da morte da mãe e com um pai quase sempre ausente, o pequeno Péter Simon é confiado aos avós. Os seus dias são passados a brincar aos pais e às mães com Gábor e Éva, os filhos dos vizinhos, no labiríntico jardim da casa do lado ou a ouvir as histórias que o avô lhe conta retiradas da Bíblia, do Talmude ou da imaginação. Aos seus olhos, o mundo misterioso dos adultos vai assumindo contornos irrealis, à medida que imagens dolorosas e incompreensíveis se sucedem: a condenação do pai por traição, a morte dos avós, o desaparecimento inesperado dos vizinhos ou o seu ingresso numa instituição para filhos desviados do regime.

Escrito em 1972, mas apenas publicado cinco anos depois, devido à censura do regime estalinista de Kádár, *O Fim de um Romance Familiar* é uma das obras mais famosas de Péter Nádas que o confirmou como um dos nomes cimeiros da literatura europeia.

«Um romance invulgar que transporta o leitor para uma experiência pessoal profundamente imaginada só alcançada pela boa ficção.»

Observer

«Péter Nádas é único na medida em que ficcionaliza o impulso de contar histórias e explora as suas origens na consciência de uma criança. Um romance magnífico.»

The Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-637-6



9

789895 836376